



## SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	00
<i>Introdução: Liberdade para a criação</i>	00
1. O “negro retinto”, um amigo íntimo	00
2. Crânios da raça dos imbecis	00
3. Um único sangue em todas as nações	00
4. A vida nos países escravagistas	00
5. A origem comum: do pai do homem ao pai de todos os mamíferos	00
6. A hibridização dos seres humanos	000
7. Essa questão mortalmente odiosa	000
8. Animais domésticos e instituições domésticas	000
9. Ai, que vergonha, Agassiz!	000
10. A contaminação do sangue negro	000
11. A ciência secreta separa-se de sua causa sagrada	000
12. Os canibais e a Confederação de Londres	000
13. A origem das raças	000
<i>Notas</i>	000
<i>Bibliografia</i>	000
<i>Índice remissivo</i>	000





## AGRADECIMENTOS

Viajando pelas profundezas do mundo de Darwin, acumulamos um grande número de dívidas. Muitos indivíduos, cada qual em sua especialidade em setores muito amplos, deram-nos todo tipo de informações esotéricas — do tipo que, em geral, não se consegue em nenhuma outra fonte.

Para responder questões específicas, às vezes levantadas na última hora, agradecemos a colegas das universidades, bibliotecas de pesquisa, sociedades históricas, museus, órgãos de classe, sites de linhagens familiares e projetos acadêmicos do mundo inteiro: Stephen Alter, Patrick Armstrong, Rich Bellon, Robert Bernasconi, Daniel Brass, Nick Cooke, Martin Crawford, John W. de Gruchy, David Dabydeen, Jeremy Dibbell, Mario di Gregorio, Richard Drayton, Martin Fitzpatrick, Sheila Hannon, Keith Hart, Uwe Hossfeld, Karl Jacoby, Peter McGrath, Chris Mills, Duncan Porter, Greg Radick, Tori Reeve, Peter Rhodes, Nigel Rigby, Kiri Ross-Jones, Nicolaas Rupke, Matthew Scarborough, Lester Stephens, Keith Thomson, David Turley, Sarah Walpole, James Walvin, Gene Waddell, R.K. Webb e Leonard Wilson.

Sem a ajuda das dedicadas equipes de bibliotecários e arquivistas, ainda estaríamos procurando documentos vitais. Em particular, por nos disponibilizar materiais, somos muito gratos às bibliotecas da Sociedade Filosófica Americana (Valerie-Anne Lutz van Ammers), Colégio de Cristo (Candace Guite) e Colégio Corpus Christi (Gill Cannell), de Cambridge; à Biblioteca do Colégio Dartmouth (Sarah Hartwell, Coletâneas Especiais



Rauner); à Biblioteca da Universidade de Edimburgo; aos Arquivos John Murray; à Biblioteca da Universidade John Rylands, Manchester (Les Gray); à Biblioteca da Universidade Keele (Helen Burton); à Biblioteca Nacional da Jamaica (Nicole Bryan); à Biblioteca Nacional da Escócia (Anna Hatzidaki, Robbie Mitchell); aos Arquivos Parlamentares, Seção de Documentos da Câmara Alta (Mari Takayanagi); à Biblioteca do Colégio Smith (Susan Boone); à Biblioteca de Referências de Southampton (Vicky Green); à Seção de Documentos do Condado de Suffolk, Ipswich (Pauline Taylor); à Biblioteca do Colégio da Universidade de Londres e à Biblioteca Waring, Universidade de Medicina da Carolina do Sul (Kay Carter).

Gostaríamos de expressar nossa gratidão especial a William Darwin, pela permissão de retirar trechos de cartas e manuscritos de Darwin, e aos curadores da Biblioteca da Universidade de Cambridge, por nos permitirem citar materiais inéditos das Coletâneas de Charles Darwin e de outros manuscritos sob seus cuidados.

Pela permissão de estudar e, em alguns casos, citar documentos de suas coletâneas, também agradecemos à Biblioteca A. K. Bell, Perth, Escócia; à Sociedade Filosófica Americana (Samuel George Morton Papers); à Biblioteca da Universidade de Birmingham (Harriet Martineau Papers e aos Documentos Oficiosos da Sociedade Missionária da Igreja; ao Serviço de Arquivos de Cambridgeshire; à Biblioteca do Colégio Dartmouth (Coleção de Autógrafos Ticknor); à Câmara Baixa e à English Heritage (Anotações de Campo do *Beagle*); à Biblioteca da Universidade de Durham (Documentos Políticos e Públicos e Documentos Públicos do Segundo Conde Grey); à Biblioteca da Universidade de Edimburgo, à Ernst-Haeckel-Haus, Friedrich-Schiller-Universität Jena (Correspondência Darwin-Haeckel); à Biblioteca Herbarium Gray, da Universidade de Harvard (Documentos de Asa Gray); à Biblioteca Houghton, da Universidade de Harvard (Documentos de Louis Agassiz, Documentos de Charles Eliot Norton, Correspondência de Charles Sumner); ao Colégio Imperial de Ciência e Tecnologia (Arquivos Thomas Henry Huxley); ao Colégio de Jesus, Cambridge (Anotações de Arthur Gray); à Biblioteca Mitchell de Sidney, Austrália (Diário, Autobiografia e Reminiscências de Philip Gidley



King, o Jovem); aos Arquivos Nacionais, Kew (Diários de Bordo do *Beagle* e do *Samarang*); à Biblioteca Nacional da Jamaica (Manuscrito Feurtado), Museu de História Natural, Londres; aos Arquivos de Shropshire (Diários de Katherine Plymley); aos curadores dos Jardins Botânicos Reais, Kew (Cartas de Asa Gray); ao Colégio Real de Cirurgiões da Inglaterra; à Sociedade Real de Londres (Cartas de FitzRoy-Herschell); à Seção de Documentos do Condado de Suffolk, Ipswich; ao Departamento Hidrográfico do Reino Unido, Taunton (Correspondência de FitzRoy-Beaufort); à Curadoria do Museu de Wedgwood, Barlaston, Staffordshire, pela permissão de citar materiais do Arquivo Wedgwood; Zoological Society of London.

Vários colegas fizeram um esforço extraordinário, conjurando fórmulas secretas em cima da hora: nossos agradecimentos especiais a Andrew Berry, da Universidade de Harvard, a Tim Birkhead e Ricarda Kather, da Universidade de Sheffield, a Helen Burton, da Biblioteca da Universidade Keele, a Lisa DeCesare, das Bibliotecas de Botânica, Universidade de Harvard, a Rachel Mumba, da Universidade de Durham, e a Vanessa Salter, do Museu Casa de Wilberforce. Gwen Hochman, da Faculdade de Direito de Harvard, fez um *tour de force* em suas perambulações pelos arredores de Boston. E também não poderíamos nos esquecer de nossos editores ingleses e norte-americanos, Stuart Proffitt, Amanda Cook e Jane Birdsell, que nos mantiveram firmemente em curso.

A redação de *A causa sagrada de Darwin* começou no início de 2007, quando James Moore era membro do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Durham. Ele tem uma dívida especial com Ash Amin, o diretor-executivo, pelas discussões pertinentes sobre o livro; a Maurice Tucker, mestre do Colégio da Universidade, e aos membros da Sala de Estar dos Mais Velhos, pela bolsa de estudos de Castle. Os membros do seminário de graduação de Moore — realizado na primavera de 2005 —, intitulado “Darwin, Sexo e Raça”, do Departamento de História da Ciência da Universidade de Harvard deram um estímulo tremendo: Topé Fadiran, Adam Green, Max Hunter, Sarah Legrand, John Matthew, Aaron Mauck, Matt Moon, Mac Runyan, Alex Wellerstein e Nasser Zakariya.



Muitas são as nossas dívidas pessoais. Ralph Colp Jr., David Livingstone, Mark Noll, Bob Richards e Nicolaas Rupke permitiram-nos uma leitura antecipada de seus últimos livros, todos de excelente qualidade. Em Cambridge, Nick Gill, Boyd Hilton, Simon Keynes, John Parker e Simon Schaffer foram muito generosos ao dividir conosco seus conhecimentos enciclopédicos sobre (respectivamente) os manuscritos de Darwin, a política georgiana, a viagem do *Beagle*, a botânica vitoriana e tudo o mais. Os organizadores do projeto de Correspondência de Darwin, principalmente Samantha Evans, Shelley Innes, Alison Pearn e Paul White, deixaram que os interrompêssemos de quando em quando. Tony Lentin e Sheila Thorpe, na Inglaterra, Gordon Moore — Estados Unidos — e Maggie Fankboner — Canadá — incentivaram-nos a levar *A causa sagrada de Darwin* até a linha de chegada. John Greene, Randal Keynes e David Kohn compreenderam nossas necessidades perfeitamente bem. Essas dívidas só podem ser pagas em espécie. Nossa mais profunda gratidão a todos.



## INTRODUÇÃO

### LIBERDADE PARA A CRIAÇÃO

As marcas comerciais globais não parecem muito maiores que Charles Darwin. Ele é o avô de cabelos brancos que nos espia da sobrecapa dos livros e dos quadros de avisos, dos livros didáticos e da TV — o sábio que aparece nos cartões de felicitações, nos selos dos correios e nas moedas comemorativas. A cabeça de Darwin nas notas de £10 da Inglaterra tem um ar imperturbável, de quem se ri dos que duvidavam de sua ciência. Incensado ou desprezado, é impossível ignorar Darwin. Os ateus fazem alarde de seu “ateísmo”, os liberais enfatizam seu “liberalismo”, os cientistas, o seu darwinismo, e os fundamentalistas gastam toneladas de energia denunciando todos os equívocos de todos os outros. Mas todos concordam que, para o bem e para o mal, *A origem das espécies*, o livro de Darwin que marcou época, transformou nossa maneira de nos vermos no planeta.

Como foi que um membro modesto da pequena nobreza da Inglaterra vitoriana se tornou um ícone do século XXI? Hoje as celebridades são famosas por serem famosas, mas os defensores de Darwin têm uma outra explicação.

Para eles, Darwin transformou o mundo por ser um cientista obstinado, que praticava uma boa ciência empírica. Quando jovem, explorou uma grande oportunidade de pesquisa a bordo do *Beagle*. Era mais perspicaz que os outros de sua geração, impelido pelo amor à verdade. Viajando de



navio pelo mundo inteiro, coletou fatos e espécimes exóticos — sendo os mais célebres aqueles das ilhas Galápagos — e seguiu a evidência até sua conclusão, a evolução. Com uma paciência infinita, superando heroicamente uma doença grave, a sua foi “a melhor ideia que alguém já teve,” e publicou-a em 1859 em *A origem das espécies*. Era uma “ideia perigosa” — a evolução de acordo com a “seleção natural” —, uma ideia fatal tanto para Deus quanto para o criacionismo, mesmo que Darwin tenha dourado sua pílula evolutiva com histórias da criação para torná-la mais palatável. A evolução aniquilou Adão; colocou os macacos em nossa árvore genealógica, como explicou Darwin em 1871, quando finalmente aplicou o conceito de evolução aos seres humanos em *A origem do homem*. Isolado em sua propriedade rural, publicando um livro inovador atrás do outro, Darwin dava a impressão de ser um pesquisador imparcial, objetivo, o modelo do cientista bem-sucedido. E foi assim que usou sua coroa.

O máximo que se pode fazer em favor dessa caricatura é citar o número de pessoas que acredita nela. Não só evolucionistas e secularistas, mas também muitos criacionistas e fundamentalistas veem o direito de Darwin à fama — ou à infâmia — em seu interesse monolítico pela ciência. Tenaz ou teimosamente, segundo alguns, ele dedicou a vida à evolução. O fervor pelo conhecimento científico o consumia, mantendo-o na rota que derrubaria Deus e bestializaria a humanidade. Brilhante, ou perversamente, Darwin globalizou-se. Ao seguir a ciência e renunciar à religião, ele deu início ao mundo laico moderno.

Dizer isso não é só simplista: é, em sua maior parte, um erro crasso. A evolução humana não foi a última peça de seu quebra-cabeça evolutivo; foi a *primeira*. Desde os primórdios, Darwin preocupou-se com a unidade da espécie humana. Essa noção de “irmandade” foi a base de sua empreitada evolutiva. Estava lá, em suas primeiras reflexões sobre a evolução, em 1837.

Hoje estamos às voltas com polêmicas dos mais variados tipos, tentativas cômicas de forçá-lo a entrar numa forma ou noutra, de condenar ou absolver Darwin de crenças — e até mesmo de atrocidades — associadas ao seu nome (um título recente sobre a história da Alemanha diz tudo: *From Darwin to Hitler* [De Darwin a Hitler]).





Vamos inverter por um momento uma frase célebre de Marx: a questão não é mudar Darwin, a questão é entendê-lo. Darwin não foi santo nem demônio. Visto pelos olhos de seus contemporâneos, era complexo, às vezes até contraditório, quase nunca o que se imagina, mas muitíssimo mais interessante e informativo. E a história real por trás de sua viagem para a evolução — para a evolução *humana* — é muito mais rica do que se pensa. É uma história cujas peças passamos anos para reunir, tentando compreender o que teria levado esse plácido naturalista a se tornar uma tal anomalia em sua época — e tão tenaz diante de probabilidades tão pequenas de ter razão.

Darwin era o mais bem-educado dos homens bem-educados que já existiram no mundo. Era tímido, tinha horror a brigas, sentia-se à vontade no meio dos conservadores lentes anglicanos, sem querer mais nada além de seu sossegado modo de vida de vigário do interior, afastado do tumulto urbano e das arengas religiosas. Os lentes que lhe serviam de exemplo detestavam a ideia de uma evolução humana bestial — tão histericamente que o clérigo de Cambridge que lhe ensinou geografia falava em esmagar “com mão de ferro a cabeça do aborto repulsivo” para “pôr fim às suas abominações.” No entanto, mesmo que Darwin tenha dado ouvidos a seus mentores depois da viagem do *Beagle*, em particular ele estava refletindo sobre o “homem-macaco”, nosso ancestral.<sup>1</sup> Como podia acontecer uma coisa dessas? O que o levou a negar os princípios acalentados por sua sociedade cristã privilegiada? O impulso que forçou Darwin a palavras e atos que assustavam até mesmo a ele tinha de ser, com certeza, um impulso irresistível, com mais peso que todos os outros.

As pessoas têm procurado a resposta no lugar errado. Com a abertura do tesouro bem guardado dos registros inéditos de Darwin realizada pela geração anterior, as pistas começaram a aparecer — chegando algumas delas a estar em seu livro famosíssimo e pouco lido, *A origem do homem e a seleção relativa ao sexo* (para citar na íntegra esse título eloquente). Mas este foi o ponto final da viagem de Darwin, e seu teor confundiu tanto os leitores que até hoje eles acham que se trata de “dois livros” sobre assuntos



diferentes, sexo e ancestralidade, e, por isso, o xis da questão lhes passa inteiramente despercebido.<sup>2</sup> O projeto *humano* de Darwin continua obscuro. Mas é crucial e, sem entendê-lo, também não entendemos como foi que Darwin chegou à evolução.

“Raízes” é por onde começamos, *Raízes* como no instigante romance histórico *Roots*, de Alex Haley — o escravizamento de negros africanos que tanto indignou a geração de Darwin. Este foi o ponto de partida de Darwin também, seu horror à servidão e à brutalidade racial, sua aversão ao desejo dos escravagistas, em suas próprias palavras, de “tornar o homem negro uma outra espécie”, sub-humana, uma besta a ser algemada.<sup>3</sup> As raízes eram o tema em torno do qual girava todo o projeto humano de Darwin. E, para compreender por que ele começou a pensar nas raízes — na origem — das raças negra e branca, temos de avaliar sua ancoragem moral no auge do movimento antiescravagista inglês. É a chave que explica por que um nobre que dispunha de fortuna e prestígio arriscaria tudo para desenvolver sua imagem bestial do “homem-macaco” de nossa ancestralidade.

Sempre reservado, com frequência indisposto, Darwin nunca participou de comícios e petições abolicionistas (como seus parentes). Enquanto os ativistas proclamavam uma “cruzada” (palavra que ele mesmo usava) contra a escravatura,<sup>4</sup> ele a subverteu com sua ciência. Enquanto os donos de escravos bestializavam os negros, o ponto de partida de Darwin foi a crença abolicionista nos laços de sangue, numa “origem comum”. A unidade adâmica e a irmandade dos homens eram axiomáticas nos tratados antiescravatura que ele e sua família devoravam e divulgavam. Implicavam uma origem única de negros e brancos, uma ancestralidade comum. E esta foi a única característica da proposta peculiar de evolução de Darwin. A própria vida era constituída de incontáveis trilhões de “descendentes comuns” unidos por laços de sangue, não só negros e brancos, mas todas as raças, todas as espécies, ao longo de todos os tempos, todas elas confluíam para linhagens sanguíneas derivadas de um único ancestral.

Foi na fase mais generosa e relativista de Darwin, no auge do período de política britânica radical no final dos anos 1830, quando os escravos



das colônias finalmente estavam sendo libertados, que ele estendeu o parentesco do homem a todas as sofridas, degradadas e humilhadas raças de animais. Ele as via partilhando nossa ancestralidade remota; “podemos todos ser reunidos numa única rede” podemos todos sentir uma mesma dor, rabiscou ele num caderno.<sup>5</sup> Ele salvou os negros, fez com que ninguém mais visse os escravos como seres de “outra espécie”. Mas, ao abraçar a totalidade da criação — arrebatando os grilhões da vida e permitindo que ela também evoluísse — assim como os negros e os brancos tinham evoluído a partir de um ancestral comum —, ele se abriu, ironicamente, para o aviltamento por parte do mundo cristão, cuja fé na irmandade entre os homens ele partilhava. Uma crítica importante a *A origem das espécies* (principalmente durante a Guerra Civil Americana) era que Darwin agora havia bestializado o homem *branco*, ao contaminar seu sangue ancestral. Darwin invertera a lógica racista só para “brutalizar” seus próprios parentes anglo-saxões (como se dizia), unindo-os não apenas aos homens negros, mas também aos macacos negros.

Aqui estava Darwin no auge de seus paradoxos. E nesse impasse está a moral de nossa história, literalmente. Em lugar de vermos os “fatos” imporem a teoria da evolução a Darwin (outros naturalistas que viajaram pelo mundo inteiro tinham visto fenômenos parecidos por todo o planeta), descobrimos que o combustível de sua obra evolutiva era uma paixão *moral*. Ele era bem diferente do cientista moderno “imparcial”, que supostamente (supostamente, note bem) deriva teorias “dos fatos” e só depois permite que as conclusões morais sejam tiradas. Era igualmente o inverso da paródia dos fundamentalistas, que torna sua obra um ato contra Deus, desumano e imoral. Mostramos as raízes *humanitárias* que alimentaram a obra mais controvertida e contestada de Darwin sobre a ancestralidade humana. Portanto, o quadro que se segue é dramaticamente diferente dos anteriores, revelando um homem mais compassivo do que os criacionistas acham aceitável, mais comprometido moralmente do que os cientistas admitiriam.

Nossa reconstrução da trajetória de Darwin — iluminando o caminho que ele percorreu depois de voltar da viagem do *Beagle*, usando suas ano-



tações particulares e seus rascunhos da própria *Origem* — finalmente explica algumas de suas declarações que, sem esses esclarecimentos, seriam anômalas. Lendo a maior de todas as obras sobre uma-origem-para-todas-as-raças, escrita por um abolicionista (*Researches into the Physical History of Mankind* [Estudos sobre a história física da humanidade], de James Cowles Prichard), Darwin escreveu o seguinte: “Como meu livro vai se parecer com tudo isso!”<sup>6</sup> “Meu livro” era, evidentemente, o que veio a ser *A origem das espécies*. E, como isso sugere, ele também devia discutir a humanidade. A ironia é que, em última instância, *A origem* não fala praticamente nada sobre as origens humanas. As explicações das raças humanas e de uma ancestralidade símia são apresentadas na última hora.

Por que, no livro que os críticos sabiam que era *realmente* sobre a humanidade, Darwin resolveu não falar quase nada sobre o assunto? E por que foi obrigado a abrir o verbo 12 anos depois e escrever *A origem do homem* e, em seguida, de forma incongruente, encher o livro de borboletas e pombos e “seleção sexual”? A seleção sexual é crucial para nossa interpretação da “irmandade humana” de Darwin, alimentada por princípios morais; central e crítica também foi a resposta de Darwin aos eruditos pró-escravatura da América do Sul (e de Londres) que declaravam que as raças negra e branca eram duas espécies distintas. Depois de compreender a estratégia de Darwin, as esquisitices de seus livros e a anomalia do momento em que surgiram fazem sentido.

Hoje Darwin é o “cientista” com o qual ajustar contas. Suas teorias sobre os povos e a sociedade estão sendo mais debatidas do que nunca. A mídia está fervilhando de histórias sobre eugenia, sociobiologia e psicologia evolutivas, sobre gênero, raça e diferenças de sexo, bem como sobre a possibilidade de aperfeiçoar a natureza humana.

Alguns preferem enfatizar o lado mais sombrio da evolução de Darwin, que deixou uma pista notória no subtítulo de *A origem das espécies*: a *preservação de raças favorecidas na luta pela vida*. Da Albânia ao Alabama, da Rússia a Ruanda, as teorias de Darwin foram usadas para justificar o conflito racial e a limpeza étnica. Os perpetradores das maiores



atrocidades viram-se como “raças favorecidas” sobrevivendo à “luta” sangrenta de Darwin. E, por conseguinte, um oceano de tinta foi gasto para provar que nada disso estava nas obras de Darwin e que nada disso era uma consequência lógica delas. A ciência de Darwin era pura, imaculada.

Não nos propusemos provar a pureza incorruptível do *corpus* de Darwin, nem divinizar seu corpo mortal. Também não comemoramos nenhuma das consequências funestas de sua obra, nem o obrigamos a tomar o partido de grupos religiosos ou ateus. Refutamos todas essas tentativas contrastantes de distorcer Darwin para atender a finalidades de hoje. O verdadeiro problema é que ninguém entende o projeto central de Darwin, o núcleo de sua pesquisa mais inflamada. Ninguém reconheceu a fonte daquele fogo moral que alimentou sua estranha obsessão com as origens humanas, uma obsessão que não condizia com seu caráter.

Ao sondar as profundezas da postura antiescravidão de Darwin, exploramos um tesouro de cartas inéditas a familiares e uma quantidade imensa de material manuscrito. Usamos as anotações de Darwin, comentários cifrados nas margens dos textos (onde havia pistas fundamentais) e até os diários de bordo dos navios e as listas de livros que Darwin leu. Seus cadernos de anotações e sua correspondência já publicados (agora se sabe da existência de cerca de 15 mil cartas) são uma fonte de valor incalculável: 16 dos 32 volumes programados de *The Correspondence of Charles Darwin* já foram editados por uma equipe internacional cujo trabalho para decifrar e transcrever o material só pode ser considerado heroico. Acrescente a isso o desenvolvimento extraordinário de estudos históricos sobre raça, racismo e escravidão dos dois lados do Atlântico, e estamos preparados para conectar Darwin, pela primeira vez, com o mais poderoso movimento moral de seu tempo.

A descoberta e redescoberta das cartas de Darwin ainda são uma espécie de revolução em curso. Mesmo agora, no momento em que escrevemos, novas cartas estão aparecendo — do filho do mais célebre abolicionista “imediatista” do mundo, o norte-americano William Lloyd Garrison, o que não é pouca coisa. Isso confirma aquilo de que tínhamos chegado a suspeitar: que Darwin era admirador do mais intransigente dos



líderes cristãos do movimento antiescravagista e também o mais contrário à violência. Garrison era, nas palavras de Darwin, “um homem que devia ser venerado para todo o sempre”. Darwin ficou felicíssimo ao saber que o fervoroso trecho antiescravagista de seu diário do *Beagle* havia sido lido por Garrison pai, cujo filho disse a Darwin que ele lançara “uma luz nova e bem-vinda sobre seu caráter de filantropo”. Que coisa incrível pensar, respondeu Darwin, que um homem “que respeito do fundo da minha alma tenha lido e aprovado algumas palavras que escrevi há muitos anos sobre a escravidão”.<sup>7</sup> Isso mostra o quanto ainda há a ser descoberto sobre Darwin.

Além de não se saber qual foi o resultado final de seu horror à escravidão, o imperativo humanitário de Darwin nunca foi posto devidamente em primeiro plano.<sup>8</sup> Tentamos mostrar o quanto ele o integra ao contexto do abolicionismo do século XIX e por que ele fala diretamente à nossa era pós-colonial, com seu horror à limpeza étnica e ao apartheid. O nosso é um livro sobre um homem afetuoso e compassivo, que foi marcado pela vida toda pelos gritos de um escravo torturado.

Finalmente, algumas palavras sobre a terminologia. Embora digam que o “racismo científico” teve início por volta de 1860 — derivado de uma xenofobia anterior —, achamos problemático traçar apressadamente uma linha divisória muito nítida. Se entendermos “racismo” como uma diferença classificatória com o objetivo de degradar, controlar e até de escravizar, então seus componentes e seu arrazoado científicos podem ser atribuídos a uma época muito mais antiga. Na verdade, poucos sabem que os agitadores norte-americanos que procuravam justificar a escravidão já estavam propagando seus ódios desde 1841 na Associação Britânica para o Avanço da Ciência [Abac]. Antes mesmo dessa época, eles já estavam relacionando a sujeição à “inferioridade” anatômica dos negros. Essas ideologias e justificativas escravagistas impregnaram os debates culturais que envolveram Darwin durante todo o período compreendido pelas décadas de 1840 e 1850, e achamos que “racismo” é um termo histórico aceitável no contexto de Darwin.



Também precisamos acrescentar a isso um pedido de desculpas por nosso *faux pas*. Todos os personagens de nossa história — Darwin inclusive — tinham, em certa medida, visões pejorativas de outros povos e usavam palavras de acordo com elas. Mesmo que de quando em quando tenhamos tentado mencionar os nomes pelo quais os povos são conhecidos hoje, misturar termos da época de Darwin e de nossos dias poderia gerar confusão, de modo que nos ativemos aos usos contemporâneos na maioria das vezes. Isso também vale para a linguagem inclusiva. Usamos uma mistura de termos contemporâneos e modernos para o *Homo sapiens*: “o homem”, “a humanidade”, “a espécie humana” e “seres humanos”. É claro que consideramos esses termos, assim como “selvagens”, “cafres”, “bantos”, “hotentotes” e assim por diante, do mesmo modo que “raça” e rótulos étnicos em geral, termos construídos historicamente, mas seria cansativo colocá-los entre aspas todas as vezes; tudo isso também se aplica a “negro”, um termo respeitoso na época para designar pessoas negras, e “mulato”, um termo pejorativo.

Esta é, portanto, a história desconhecida de como o horror de Darwin à escravidão levou ao entendimento que temos hoje da evolução.